



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PRÁTICA DE SUA FUNÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

A comunicação e a escuta pedagógica como instrumentos de trabalho do
coordenador pedagógico

Janaina Luiza Ribeiro de Melo

Professora-Orientadora Dra. Inês Maria Almeida – UnB/FE
Professora-Tutora. Dra. Janaína Mota Trindade– SEE/DF

Brasília (DF), 02 de dezembro de 2015

Janaina Luiza Ribeiro de Melo

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PRÁTICA DE SUA FUNÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

A comunicação e a escuta pedagógica como instrumentos de trabalho do
coordenador pedagógico

Monografia apresentada para a banca
examinadora do Curso de
Especialização em Coordenação
Pedagógica como exigência parcial
para a obtenção do grau de
Especialista em Coordenação
Pedagógica sob orientação da
Professora-orientadora Dra Inês Maria
Almeida e da Professora-Tutora Dra.
Janaina Mota Trindade

TERMO DE APROVAÇÃO

Janaina Luiza Ribeiro de Melo

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PRÁTICA DE SUA FUNÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

A comunicação e a escuta pedagógica como instrumentos de trabalho do
coordenador pedagógico

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Profa.- Orientadora Dra. Inês Maria Almeida – UnB/FE
(Professora-orientadora)

Profa.Tutora Dra. Janaína Mota Trindade – SEE/DF
(Tutora-Orientadora)

Profa. Msa. Márcia Milhomens Chauvet– SEE/DF
(Examinadora externa)

Brasília, 02 de dezembro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os alunos que encontrei durante minha caminhada como professora.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me deram a vida e por isso hoje posso estar aqui fazendo esse trabalho.

Ao meu querido companheiro paciente e sempre presente na minha vida.

Aos meus filhos.

A professora Janaína Mota Trindade pelo apoio, paciência e orientação durante esse processo laborioso de escrever.

A Professora Inês Maria de Almeida que com suas palavras despertou meu interesse e encantamento pela Psicanálise.

A Universidade de Brasília, pela oportunidade de realizar o curso de especialização em Coordenação Pedagógica.

“O que somos nós, com efeito, o que é o nosso eu hoje senão a sedimentação de todos os retornos em ato de um passado afetivamente intenso e por vezes conturbado? Sem dúvida, nosso passado nos segue a todo instante: O que sentimos, pensamos desejamos, desde o nosso primeiro despertar e mesmo muito antes, está aqui, agindo no presente. **Somos nosso passado em ato**”.

(J-D Nasio, *Por que repetimos os mesmos erros*)

RESUMO

Esta pesquisa aborda conceitos referentes à contribuição da comunicação e da escuta sensível dentro do contexto escolar na construção dos laços sociais. Com o objetivo de investigar como a comunicação e a escuta pedagógica podem contribuir para construção dos laços sociais no contexto escolar de uma escola pública do Distrito Federal. À luz da psicanálise, busca-se identificar o significado que os docentes atribuem à fala e à escuta sensível dentro contexto escolar; e como a psicanálise pode contribuir para este entendimento. Para coleta dos dados foi realizada uma pesquisa qualitativa na Escola Classe 54 de Taguatinga com a participação dos professores e coordenadores que fazem parte do corpo docente. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados roteiros de entrevistas semiestruturadas e roteiro de observação durante os momentos de coordenação coletiva. A partir da análise dos dados foi possível observar que a psicanálise pode trazer contribuições relevantes para educação, principalmente quando o coordenador utiliza a escuta sensível e a comunicação como instrumentos do seu trabalho.

Palavras chaves: Psicanálise; Fala; Escuta Sensível

SUMÁRIO

HISTÓRIA DO PESQUISADOR	9
Morte e Vida Severina	9
INTRODUÇÃO.....	11
JUSTIFICATIVA.....	12
1.REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
1.1 .Um pouco da história da Psicanálise	14
1.2 .Psicanálise e Educação	17
1.3 .A comunicação e a escuta pedagógica como instrumentos de trabalho do coordenador pedagógico	22
2. METODOLOGIA	31
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
3.1.Observação do momento de coordenação coletiva:	32
3.2 . Entrevistas semiestruturadas.....	35
3.2.1 Entrevista semiestruturada (Professores).....	36
3.2.2 Entrevista semiestruturada (Coordenadores)	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APÊNDICE 1.....	55
APÊNDICE 2.....	56
APÊNDICE 3.....	57
APÊNDICE 4.....	58
APÊNDICE 5.....	59

HISTÓRIA DO PESQUISADOR

Morte e Vida Severina

— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a

custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos e se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza.

(João Cabral de Melo Neto)

Ao ler este poema de João Cabral de Melo Neto, uma imagem sofrida do povo nordestino vem à minha cabeça; o enlace das palavras do poeta traduz sua tristeza e revela sua realidade. E ao ver a sua imagem, deparo no espelho com a minha imagem. E vejo muitas “*severinas*”, “iguais em tudo e na sina” de ensinar, ensinar e “tentar despertar terra sempre mais extinta, de querer arrancar algum roçado da cinza”.

Ao analisar minhas memórias percebi muito presente o desejo de ensinar, que é uma grande angústia e também a grande questão que afligia

meus pensamentos, porque diante de tanta reclamação, eu continuava na profissão. O que alimentava esse sonho?

Há 17 anos, ingressei nesta profissão por idealismo e achar que era possível mudar o mundo. Diante de tristezas e alegrias, problemas e soluções, hoje não sou tão romântica.

Na escola em que trabalho muitos colegas estão afastados com problemas de saúde. Ao passear pelos corredores, colegas não estão satisfeitos e o maior reflexo dessa insatisfação são os atestados que aumentam a cada dia. A violência, a depredação do patrimônio público, a indisciplina, os transtornos afetivos, a insatisfação são um quadro presente na realidade em que trabalho.

Tentando resolver esses problemas que vão além da sua função, o professor se sente sobrecarregado. A necessidade de reconhecimento muitas vezes faz com que o professor faça além do que ele deve fazer. E a frustração é cada vez maior quando o professor faz tudo isso e não resolve nada. E o coordenador entra em campo para lidar com todos esses egos inflamados e doloridos.

A sala dos professores torna-se um refúgio e, através da fala, despejamos e aliviamos nossos sentimentos. Escutados ou não, falamos, rotulamos e desabafamos. Apenas quinze minutos, ficar parece a melhor opção, mas não dá, voltamos para sala de aula. Até a aposentadoria chegar.

E quando ela chega é possível querer voltar.... Como????

Sim, tudo que passou faz falta?

Loucura? Não sei!

É por isso que eu comecei a pensar e estudar psicanálise...

Janaina Luiza Ribeiro de Melo

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo evidenciar a importância da comunicação e da escuta pedagógica no contexto escolar e sua contribuição na construção dos laços sociais. E investigar como a escuta sensível pode contribuir para a construção dos laços sociais. Identificar o significado que os docentes atribuem à escuta pedagógica e analisar de que forma o coordenador pode contribuir na construção de laços afetivos usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar, entre os docentes.

O espaço escolar é um espaço de socialização e convivência, permeado de emoções. Os afetos que permeiam o espaço escolar podem afetar a participação e até mesmo influenciar na tomada de decisões dos segmentos que formam a comunidade escolar. E não devemos olhar a todos como máquinas sem sentimentos que estão apenas para operar um trabalho, mas sim como sujeitos, que tem uma história e que cada ação pode refletir de forma diferente.

Estes sujeitos hoje estão dentro do espaço escolar, misturados no meio de um turbilhão de problemas. A escola é um espaço propício ao desenvolvimento de sentimentos e emoções que podem, em determinado momento, gerar conflitos, pois colocamos no mesmo espaço pessoas com diferentes desejos, em busca de um objetivo comum.

A escola não exerce apenas uma função pedagógica, mas também social e afetiva. Os problemas enfrentados hoje pela escola como indisciplina, violência, baixos índices de aprendizagem, evasão escolar, entre outros, necessitam de soluções. Os professores precisam desenvolver uma visão no sentido de perceber como os laços são construídos dentro da escola e qual a importância da escuta sensível dentro do contexto escolar.

JUSTIFICATIVA

O ambiente escolar tanto pode ser alegre, agradável, realizador e gratificante, quanto pode ser gerador de ansiedade, raiva, insegurança ou aversão. O que faz a diferença é como cada sujeito lida com as emoções, como ele é afetado nas diferentes circunstâncias do dia a dia. O que causa estranheza para uns, para outros pode ser normal. E o que faz o sujeito olhar para um mesmo objeto e perceber de diferente forma são suas experiências.

Em uma escola não é diferente, diversas pessoas com pensamentos distintos partilham o mesmo espaço em busca de um trabalho comum e coletivo. E Por trás desse processo de construção consciente existem ações inconscientes que podem afetar e se manifestar nos resultados.

A Escuta sensível e a comunicação tem um papel fundamental dentro do contexto escolar, pois é através dela que expressamos nossas opiniões, mas não é só falar, hoje precisamos estar atentos ao que se diz nas entrelinhas. Aquele que sabe fazer uma leitura subjetiva da fala do outro terá uma maior sensibilidade para entender e lidar com o outro no mesmo espaço comum. E escutar o outro não é apenas ouvir, mas dar sentido se colocando perto do outro com uma presença sensível e ouvindo de forma reflexiva a sua fala.

Durante a pesquisa foi realizado o estudo de autores ligados a psicanálise a fim de rever conceitos que fundamentam essa proposta de trabalho.

Questão de pesquisa:

Qual a contribuição da comunicação e da escuta sensível dentro do contexto escolar na construção dos laços sociais?

Objetivo geral:

Investigar como a comunicação e escuta pedagógica pode contribuir para construção dos laços sociais no contexto escolar de uma escola pública do Distrito Federal.

Objetivos específicos:

1 - Identificar o significado que os docentes atribuem à fala e à escuta sensível dentro contexto escolar;

2 - Analisar de que forma o coordenador pode contribuir usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar.

1.REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a pesquisa foi necessário estudar os conceitos relacionados à psicanálise e aspectos relevantes à biografia de Freud, bem como a definição de afeto de acordo com a psicanálise, e a relação da psicanálise com a educação.

1.1 . Um pouco da história da Psicanálise

Antes de falar a respeito da psicanálise é necessário apresentar Freud. Até hoje seu nome gera polêmica e seus estudos são contestados por uns e admirados por outros.

Sigmund Freud nasceu em 6 de maio de 1856, em Freiberg (na Morávia), pertencia a uma família de judeus e ainda quando criança foi morar em Viena. Em 1873 começou a frequentar a universidade. Em 1881 recebe o título de doutor em ciências médicas¹.

No início, essas novas ideias escandalizaram a sociedade. Nem todos os médicos da época estavam preparados para descobertas tão inovadoras que colocava em questão conceitos centenários e tratava de assuntos até então que não deveriam ser discutidos nas universidades. Freud foi vítima de repúdio e ofensa, mas em nenhum momento deixou de tornar públicas suas descobertas.

Mas tal orientação de pesquisa não correspondia aos interesses daquela geração de médicos. Eles haviam sido educados na apreciação exclusiva de fatores anatômicos, físicos e químicos. Não estavam preparados para levar em conta o âmbito psíquico, de modo que o viram com indiferença e aversão. (FREUD 1923-1925, 230-231)

Freud continuou suas pesquisas e foi avançando em seus estudos. Em 1914 publicou o livro: História do movimento psicanalítico. Apesar de suas descobertas, Freud não deixava de reconhecer a influência de outros médicos que lhe ajudaram durante esse processo de construção de conhecimento.

¹ Essa informações encontra-se no livro de Freud (1923-1925), no capítulo referente a autobiografia.

Quando, em 1914, escrevi a “História do movimento psicanalítico”, vieram-me à lembrança algumas declarações de Breuer, Charcot e Chrobak, a partir das quais eu poderia ter chegado bem antes a esse conhecimento. Mas na época eu não compreendia o que essas autoridades queriam dizer; elas me revelavam mais do que elas próprias sabiam e estavam dispostas a defender. (FREUD 1923-1925, 84)

A psicanálise surgiu como a possibilidade de tratar as enfermidades neuróticas. O trabalho da psicanálise consiste em fazer o sujeito “falar” e “fazer ouvir”. De acordo com Freud é um novo procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis, por qualquer outro método para os tratamentos de distúrbios neuróticos.

“A experiência analítica é a única a proporcionar a um sujeito acesso ao mais amplo espectro de suas formações do inconsciente. Nesse sentido, a rigor, a transmissão da psicanálise se dá de *um a um*, o que impede sua generalização, sua universalização: não há nenhum tratado de psicanálise capaz de reunir a infinita gama de formações do inconsciente para auxiliar o psicanalista em sua prática interpretativa. Sua única bússola é a escuta analítica e esta se produz na relação transferencial a partir do dizer do analisando acionado pela regra fundamental da psicanálise, a regra da associação livre”. (JORGE 1952, 10)ⁱ

Então a psicanálise começa a se ocupar dos afetos até então ignorados pela medicina. E começa a perceber que esses afetos quando em situações mal resolvidas ou esquecidas (recalcados) podem desencadear sintomas físicos e desencadear doenças orgânicas, sem causa aparente ou justificável.

Segundo Freud e Breuer um sintoma histérico surge quando o afeto é recalcado. Investigar e pesquisar a respeito do afeto pode indicar possíveis direções para a liberação de um sentimento represado ou recalcado e assim se livrar do sintoma e da doença.

Decidiram fazer uma publicação que contivesse suas experiências e a tentativa de uma teoria nelas baseada (*Estudos sobre a histeria*, 1895). Essa teoria afirmava que o sintoma histérico surge quando o afeto de um processo psíquico bastante investido afetivamente é afastado da elaboração consciente normal e, assim encaminhada por uma via errada. Então ele se converte, no caso da histeria, em inusual inervação somática (conversão), mas, com a reanimação da vivência durante a hipnose, pode ser guiado para outra direção e “despachado” (ab-reação). Os autores

chamaram seu procedimento de “catarse” (purificação, liberação do afeto sufocado). (FREUD 1923-1925, 205)

O sintoma é o sinal a campainha que toca e avisa que algo não está bem. Freud percebeu que muitos dos sintomas apresentados por seus pacientes tinham uma causa ligada a problemas emocionais e não estavam ligados apenas a questões orgânicas e fisiológicas.

A psicanálise veio servir para tratar dos impasses decorrentes disso. Cedo, Freud percebeu que aquilo que fazia sofrerem as mulheres que ele atendia, e lhes fazia produzir sintomas inexplicáveis aos olhos dos médicos de seu tempo, não eram senão diferentes expressões de um mal inexorável: o mal de amor. (MAURANO 2010, 12-13)

E nesse contexto surgiu a possibilidade de curar doenças que até, então eram tidas como incuráveis e que atormentavam os médicos da época, pois já tinham tentado diversos tratamentos, mas não encontravam solução. E essa foi uma das grandes diferenças no tratamento de seus pacientes, pois ele abandona a hipnose e começa a usar o método da livre associação.²Freud em seus estudos já apontava a importância da fala para a cura de muitos problemas.

Cedo, ele se deu conta, também, de que o tratamento para isso passava pela fala, pelos efeitos do acionamento desse fantástico dispositivo que é a fala. Através dela, nos incluímos nessa rede que nos envolve e tenta nos articular uns com os outros. E não importa se trata de um surdo-mudo: certamente este também está incluído na estrutura de relações tecidas pela *linguagem*. (MAURANO 2010, 12)

Em apenas um século, aproximadamente, suas ideias revolucionaram uma geração. Principalmente em relação à história da sexualidade humana, quando a partir de seus estudos, ele percebeu que muitos dos problemas físicos estavam ligados a traumas e repressão de uma pulsão que muitas vezes estava ligada à sexualidade.

Minha crescente experiência mostrava, então, que não eram quaisquer excitações afetivas que agiam por trás dos

²Foi então substituída por outro método, que em determinado sentido era o seu oposto. Em vez de instar o paciente a dizer algo sobre certo tema, solicitávamos que ele se entregasse à *livre associação*, ou seja, que dissesse o que lhe vinha à mente quando se abstinha de dar uma direção consciente a suas ideias.*(FREUD 1923-1925, 101)

fenômenos da neurose, mas habitualmente os de natureza sexual: conflitos sexuais atuais ou repercussões de vivências sexuais antigas. (FREUD 1923-1925, 84)

E hoje a psicanálise continua sendo importante no cenário clínico. Continua tratando dos assuntos complexos e subjetivos. E traz grandes contribuições, não só na área da medicina, mas em outras áreas como a educação.

Os principais conceitos da psicanálise que acabavam de surgir, a partir das pesquisas realizadas por Freud e outros médicos interessados, são esboçados em seus livros: As Obras completas de Sigmund Freud. Todos os livros trazem as descrições de casos psicanalíticos conduzidos por Freud e seus registros em ordem cronológica, totalizando 20 livros.

1.2 .Psicanálise e Educação

Assim como afirma a autora Denise Maurano (2010) a psicanálise é um recurso privilegiado para tratar questões que afligem nossa sociedade.

Assim, diante da compatibilidade entre a natureza da inquietação que domina a cena atual e a natureza da invenção psicanalítica, esta última continua sendo um recurso privilegiado em nossos tempos. Com isso, quero dizer que diante dos inúmeros sintomas decorrentes do mal de amor, que constitui a tônica do mal-estar da atualidade, a psicanálise apresenta-se como opção para tratar dessa questão. (MAURANO 2010, 13)

As revelações de Freud chocaram o mundo moderno. Este novo modo de pensar deu espaço para que as relações pudessem ser vistas de maneira diferente e reinterpretadas. Conceitos da psicanálise como: inconsciente, transferência, desejo, pulsão, entre outros, trouxeram contribuições importantes para área da educação.

Então a psicanálise começa a se ocupar dos sintomas até então ignorados pela medicina: o ódio, amor, desejo, angústia. E começa-se a perceber que esses sentimentos, quando em situações mal resolvidas ou

esquecidas, podem desencadear sintomas ou até mesmo doenças que prejudicam o sujeito.

A psicanálise, admito, não progride à maneira dos avanços científicos e sociais. Ocupa-se de coisas simples, sumamente simples, que são também imensamente complexas. Ocupa-se do amor e do ódio, do desejo e da lei, dos sofrimentos e do prazer, de nossos atos de fala, nossos sonhos e nossas fantasias. A psicanálise ocupa-se das coisas simples e complexas, mas eternamente atuais. Ocupa-se delas não apenas por meio de um pensamento abstrato, mas através da experiência humana de uma relação concreta entre dois parceiros, analista e analisando, em interação permanente. (NASIO 1999, 11)

Com os estudos realizados na área é possível perceber a importância do estudo da psicanálise no contexto escolar e como as ações de cada sujeito podem afetar as relações dentro do espaço escolar. Entender e analisar certas situações do cotidiano escolar é o primeiro passo.

A psicanálise pode ser uma importante ferramenta para educação, oferecendo uma visão diferente para a os problemas que estamos vivenciando dentro da escola.

A voltarmos nosso interesse para os inúmeros trabalhos desenvolvidos na interface da psicanálise e educação, notamos que cada vez mais a psicanálise encontra-se compelida a abordar os sintomas e “fenômenos” presentes na educação de hoje. Estes se revelam em todas as idades e classes sociais, encontram expressão ao número de encaminhamentos – oriundas das escolas – ambulatórios médicos e psicológicos, e a consultórios particulares. (RUBIM e BESSET 2007, 40)

A psicanálise nos mostra que o desejo, assim como o afeto podem influenciar nas tomadas de decisões e afetar a participação, o planejamento e a execução das atividades escolares. E que esse jeito de ser e pensar pode influenciar na tomada de decisões e na participação da comunidade escolar de forma consciente ou inconsciente.

Essa diferenciação básica entre inconsciente e consciente é premissa básica dos estudos da psicanálise

A diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente é a premissa básica da psicanálise e o que a ela permite compreender e inscrever na ciência os processos patológicos da vida psíquica, tão frequentes e importantes. Dizendo-o mais uma vez e de outra forma: a psicanálise não pode pôr a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a ver a consciência como uma qualidade do psíquico, que pode juntar-se a outras qualidades ou estar ausente. (FREUD 1923-1925, 11)

O consciente seria os nossos sentimentos e emoções. E o inconsciente seria os afetos reprimidos e (recalcados). Nasio (1999), em seu livro: O prazer de ler Freud, explica como o consciente e o inconsciente se manifestam.

Isto posto, podemos agora perguntar-nos: o que é o recalçamento, isto é, o que é essa barra vertical que separa os dois grupos? Dentre as definições possíveis, proporei à seguinte: o recalçamento é um adensamento de energia, uma chapa energética que impede a passagem dos conteúdos inconscientes para o pré-consciente. Ora, essa barreira não é infalível: alguns conteúdos inconscientes e recalcados vão adiante, irrompem abruptamente na consciência, sob forma disfarçada, e surpreendem o sujeito, incapaz de identificar sua origem inconsciente. Eles aparecem na consciência, portanto, mas permanecem incompreensíveis para o sujeito, que os vive freqüentemente sob angústia. (NASIO 1999, 25-26)

Dentro de o cenário pedagógico, investigar e pesquisar a respeito do afeto pode indicar possíveis direções para a liberação de um sentimento represado ou recalcado que impede a construção dos laços afetivos.

A psicanálise é uma teoria que tem como método de trabalho a fala e a escuta.

O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria a um método de investigação e a um profissional que tem como instrumento de trabalho a fala e a escuta. Na condição de teoria caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. (ORNELLAS 2005, 47)

A escola é um espaço de socialização e propício ao desvelamento de sentimentos e emoções. Emoções que podem em determinado momento gerar conflitos. E não é papel da psicanálise trazer soluções ou ser manual de orientações para solução de problemas. Segundo Ornellas (2005), a psicanálise não tem uma receita sobre o que deve ser feito ou não dentro da

escola. Mas aponta a importância da reflexão dentro do espaço escolar dando atenção ao discurso entre professor e aluno.

A psicanálise por sua vez não tem receitas sobre o que deve ser feito na escola, mas reflete sobre o que tem sido feito, vez que pode contribuir na escuta do discurso do professor e do aluno. Articular psicanálise e educação é um grande desafio, e o fato de a psicanálise se oferecer como um importante fundante do instrumento da escuta é o que nos possibilita, muitas vezes contribuir para leitura do mal-estar vivido pelo professor. (ORNELLAS 2005, 50)

Freud em seus estudos já apontava a importância da fala para a cura de muitos problemas. E essa foi uma das grandes diferenças no tratamento de seus pacientes, pois ele abandona a hipnose e começa a usar o método da livre associação³.

Cedo, ele se deu conta, também, de que o tratamento para isso passava pela fala, pelos efeitos do acionamento desse fantástico dispositivo que é a fala. Através dela, nos incluímos nessa rede que nos envolve e tenta nos articular uns com os outros. E não importa se trata de um surdo-mudo: certamente este também está incluído na estrutura de relações tecidas pela *linguagem*. (MAURANO 2010, 12)

Nasio (1999) afirma que um sintoma é acima de tudo um mal estar que se impõe a nos, além de nós e nos interpela. Um mal estar que descrevemos com palavras singulares e metáforas inesperadas. Sendo uma forte manifestação do inconsciente.

Mas, quer que seja um sofrimento quer uma palavra singular para dizer o sofrimento, o sintoma é antes de mais nada , um ato involuntário, produzido além de qualquer intencionalidade e de qualquer saber consciente . É um ato que menos remete a um estado doentio do que a um processo chamado inconsciente. O sintoma é para nós uma manifestação do inconsciente. (NASIO 1999, 13)

Segundo Ornellas (2005), a psicanálise é uma das áreas do conhecimento responsável pelo resgate do sujeito. “e pela escuta cuidadosa

³Foi então substituída por outro método, que em determinado sentido era o seu oposto. Em vez de instar o paciente a dizer algo sobre certo tema, solicitávamos que ele se entregasse à *livre associação*, ou seja, que dissesse o que lhe vinha à mente quando se abstinha de dar uma direção consciente a suas ideias.*(FREUD 1923-1925, 101)

dos sintomas presentes no mal-estar na sala de aula, por parte do professor é que penso que algumas fronteiras são possíveis entre psicanálise e educação.”

Segundo Leandro de Lajonquière nunca se buscou tantas soluções para os problemas da educação como hoje tem se feito. Lajonquière (1999) em seu livro chega a chamar de inflacionamento das criações pedagógicas e afirma que nunca se deve ter produzido tantas dissertações e teses preocupadas com a educação.

Na atualidade assistimos um inflacionamento das criações pedagógicas. Nunca como hoje devem ter havido tantos cursos de psicopedagogia. Nunca como hoje devem ter se produzido tantas dissertações e teses “preocupadas” com a educação, bem como preenchido questionários e provões. No entanto, nunca como hoje alguém pode chegar e até sair da própria universidade carecendo de toda disciplina intelectual. (LAJONQUIÈRE 1999, 27)

É importante lembrar que a psicanálise não vem para o cenário pedagógico ditar o que é certo ou errado, e nem se propõe a ser um manual a ser seguido, mas se coloca como uma possibilidade de reflexão produzindo algo diferente.

Vale salientar que o propósito da inserção da psicanálise na educação não é de forma alguma de ditar regras, normatizar comportamentos, nem controlar os sujeitos. Pelo contrário, podemos dizer que a psicanálise vai na contramão dessa lógica e justamente por isso que ela pode ser útil. (RUBIM e BESSET 2007, 51)

Assim é possível imaginar uma ponte entre a psicanálise e educação, pois a psicanálise pode contribuir com a educação apontando para necessidade da escuta. Lembrando que muitas vezes no cenário pedagógico acontece o contrário: o professor fala mais em sua posição de detentor do saber do que escuta o aluno. E é importante ressaltar que a escuta deve ser reflexiva dando, sentido ao mundo do sujeito que se revela.

Se a psicanálise pode contribuir de alguma forma, com o campo da educação, terá de apontar para necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar, que supõe uma reconstrução a ser feita pelo professor junto aos alunos.

Escutar é falar, e dar sentido ao mundo que nos cerca.
(ORNELLAS 2005, 58)

1.3 . A comunicação e a escuta pedagógica como instrumento de trabalho do coordenador pedagógico

No capítulo anterior tentamos deixar clara a relação entre psicanálise e educação. E neste capítulo será tratado o papel do coordenador e como ele pode a partir da escuta sensível e da fala dos professores ter um olhar diferente para educação com base em uma visão norteada pela psicanálise.

O termo psicanálise é usado para referir a uma teoria, a um método de investigação que e a uma prática profissional que tem com instrumento de trabalho a fala e a escuta. Na condição de teoria caracteriza-se como um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o conhecimento da vida psíquica. Para tanto, Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, relatando suas descobertas e formulando leis gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana.
(ORNELLAS 2005, 47)

Nos dias atuais o discurso dos professores é carregado de questionamentos em relação à disciplina, à falta de atenção e de interesse dos alunos. Cenas de violência e indisciplina e falta de valores fazem parte do cenário de algumas escolas. O que está sendo vivenciado dentro da escola é reflexo da sociedade da qual o sujeito faz parte.

Tendo a psicanálise como referencial teórico, nossa discussão tem início a partir da reflexão sobre as particularidades da sociedade atual e seus efeitos no campo da educação. De fato, o declínio da função paterna e fragilidade do lugar de autoridade traduzem-se, no espaço escolar, em transtornos de aprendizagem, violência e drogadição, trazendo inquietação aos pais e profissionais da área de educação e de saúde.
(RUBIM e BESSET 2007, 40)

No espaço escolar os sujeitos se comunicam e os laços vão sendo construídos diante das situações do cotidiano. As palavras marcam a história de cada sujeito e é a capacidade do ser humano de repassar seus conhecimentos, suas tradições, que o faz diferente, singular e subjetivo.

Segundo Lajonquière (1999):

A mão do homem é capaz de adestrar alguns animais, isto é, pode endereçar até certo limite, o desenvolvimento de capacidades de ação dadas pela natureza animal. Porém a oferta de uma palavra -um dom- que o adulto sustenta para uma criança leva consigo o poder de educar. (LAJONQUIÈRE 1999, 138)

O ato de educar não vem acompanhado só de sucessos. Segundo Voltolini (2011) o professor que se aventurar no campo educativo muitas vezes poderá se deparar com a frustração e, nem sempre, os resultados esperados serão alcançados.

Todo aquele que se aventurar no campo educativo (haverá alguém que possa escapar dele?) terá que se confrontar, mais cedo ou mais tarde, com a decepção. Os resultados atingidos estarão sempre aquém daqueles imaginados no ponto de partida. Entre os fins vaticinados e os meios postos em prática para a sua execução, quaisquer que sejam eles, haveria uma impossibilidade lógica. É isso o que esse aforismo pretende sustentar. (VOLTOLINI 2011, 27)

Todo professor, muitas vezes, busca a perfeição, procura artifícios, métodos dos mais diferentes para atingir seus alunos e, quando não consegue vem à frustração, e se não consegue lidar com essa frustração, aparecem os sintomas e as doenças. Voltolini (2011) afirma que todo discurso pedagógico é uma tentativa de organizar uma ação consequente visando à mestria⁴.

Todo discurso pedagógico que se preze, não importa seu matiz ideológico, por ser tentativa de organização de uma ação consequente, visa à mestria. Ou seja, busca aparelhar-se de tal modo que possa maximizar o efeito de sua influência sobre a criança na direção desejada. Historicamente, a filosofia, no passado, e a ciência, sua aliada de hoje, constituem a base para a organização desse aparelhamento a fim de que se possa agenciar uma ação controladas sobre a criança e sua aprendizagem. (VOLTOLINI 2011, 28)

O professor ao chegar à sala está se deparando com a frustração de não conseguir ensinar os alunos. Os problemas enfrentados hoje pela escola

⁴ De acordo com o dicionário Aurélio mestria 1. Qualidade de mestre;2. Perícia, destreza

como indisciplina, violência, baixos índices de aprendizagem, evasão escolar desanimam o professor que nos dias atuais não sabe lidar com tais situações. E o professor sofre. Sintomas físicos começam a aparecer. O número de professores afastados para tratamento de saúde é cada vez maior.

Por isso a importância de se aprofundar os estudos na área de educação e da psicanálise. Ter consciência desses conceitos pode mudar a visão dos professores em relação a sua prática pedagógica. Lembrando aos professores que por mais que eles tenham certeza e consciência do que querem fazer, existe uma dimensão inconsciente que eles têm que levar em consideração dentro do campo educativo.

Destacamos, anteriormente, como Freud foi perdendo a convicção nessa possibilidade de mestria à medida que foi dimensionando o impacto do ultrapassamento inconsciente na cena educativa. Quer dizer, ainda que o educador esteja imbuído de intenções e planejamentos claros e distintos, ainda que se trate, como se costuma dizer, de um educador *consciente* (para marcar com destaque o engodo de se subtrair a dimensão inconsciente), não pode controlar plenamente o impacto de sua influência sobre a criança.(VOLTOLINI 2011, 29)

Voltolini (2011) afirma que até a escolha da profissão é uma escolha permeada por motivações conscientes e inconscientes. E que essas escolhas vão se manifestar em sua prática no cenário pedagógico.

Alguém que escolheu ser professor (o mesmo vale para qualquer outra profissão) não chegou a essa decisão por acaso, mesmo se acredita ter feito sua opção sem muita reflexão, já que contam numa escolha profissional não só motivações conscientes, mas também fantasias inconscientes. Pesará, certamente, seja em sua decisão, seja no estilo que esse professor adotará em sua prática docente, a influência recebida dos vários professores que teve. (VOLTOLINI 2011, 32)

E quando o professor deixa o espaço da sala de aula para trabalhar como coordenador, ele passa a ter contato com os mais diversos segmentos da escola pais, alunos, professores e equipe gestora, ou seja, toda comunidade escolar. Ser um coordenador imbuído de uma proposta psicanalítica vai facilitar o seu trabalho, pois poderá utilizar meios que o oriente a lidar com os afetos, e com dimensão consciente e inconsciente que fazem parte do contexto escolar.

O papel do coordenador se apresenta como uma importante ferramenta na mediação e organização do trabalho pedagógico: socializando as ideias, e fazendo a ligação entre os segmentos da escola. De acordo com as Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal (2015):

A coordenação pedagógica caracteriza-se como um espaço conquistado para debate, discussões, avaliação e planejamento para o exercício da prática do ensino interdisciplinar, contextualizado e de uma aprendizagem significativa. Esse espaço deve promover a reflexão sobre os objetivos e as metas da instituição educacional, sendo articulador da proposta pedagógica, com a participação de todos os envolvidos na construção da autonomia da instituição e do professor. Dessa forma, a troca de experiências prazerosas do educar, do aprender e do planejamento escolar favorece um clima de organização propício à reflexão coletiva e constante sobre a organização do trabalho pedagógico da instituição educacional, focalizando a aprendizagem e o desenvolvimento pleno dos alunos e buscando a qualidade da educação (Diretrizes Pedagógicas SEDF,2015).

E de acordo com o Regimento Escolar da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (2015) cabe ao coordenador articular ações que garantam a realização da coordenação pedagógica. O artigo 120 do regimento escolar apresenta as atribuições do coordenador pedagógico:

- I. elaborar, anualmente o plano de ação das atividades de coordenação pedagógica na unidade escolar ;
- II. participar da elaboração, da implantação, do acompanhamento e da avaliação do projeto político pedagógico da unidade escolar;
- III. orientar e coordenar a participação docente nas fases de elaboração, de execução, de implementação e de avaliação da organização curricular;
- IV. articular ações pedagógicas entre os diversos segmentos da unidade escolar e a coordenação regional de ensino assegurando o fluxo de informações e o exercício da gestão democrática;
- V. divulgar e incentivar a participação dos professores em todas as ações pedagógicas promovidas pela SEDF;
- VI. estimular orientar e acompanhar o trabalho docente na implementação do currículo da educação básica e das orientações pedagógicas da SEDF, por meio de

pesquisas de estudos individuais e em equipe, e de oficinas pedagógicas locais assegurando a coordenação pedagógica como espaço de formação continuada;

- VII. divulgar, estimular e apoiar o uso de recursos tecnológicos no meio da unidade escolar;
- VIII. colaborar com os processos de avaliação institucional, articulando os três níveis de avaliação, com vistas à melhoria do processo de ensino aprendizagem e recuperação dos rendimentos/desempenho escolar. (Secretaria de Educação /DF, 2015)

Diante de tantas atribuições, a função de coordenador pedagógico assusta e muitos professores não aceitam desempenhar tal função dentro da escola. O que vemos na realidade são coordenadores sem formação e que ocupam o cargo apenas por falta de opção. E se sentem perdidos no desempenho da função e não conseguem acolher ou até mesmo ajudar o professor.

Para desempenhar a função com desenvoltura o professor que assumir tal função não deve se preocupar apenas com a parte pedagógica, com o desempenho do professor e com os resultados dos alunos, mas deve se preocupar com o sujeito que adentra o espaço escolar em sua totalidade.

A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade “ (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 22)

A forma como o coordenador vai escutar a fala do professor pode fazer a diferença no trabalho pedagógico. Saber ouvir e ter equilíbrio para não se envolver, ser imparcial nas decisões ou soluções é uma habilidade importante a ser desenvolvida pelo coordenador.

Escutar é a ação de receber justamente o que o outro lhe diz, sem pré-julgamentos, o que exige certa “neutralidade”, ou seja, o ouvinte precisa estar ali para escutar o que é dito e expresso, e não para fazer errôneas interpretações. Eis uma ação bem difícil de ser realizada, porque a gente muitas vezes não consegue ouvir o que o outro fala sem logo dar um palpite, fazer uma crítica, sem misturar aquilo que ele diz com aquilo

que a gente tem a dizer. O ser humano perdeu um pouco da disposição de estar com o outro, o mundo gira em torno do egoísmo, em que as pessoas já não conseguem sequer praticar uma das mais simples ações: escutar, simplesmente escutar. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 19)

E na tentativa de criar esse espaço dialógico de interlocução e reflexão que a escuta sensível ganha seu espaço e vem a cada dia demonstrando sua importância. A autora Ornellas (2015) afirma que a psicanálise pode contribuir com a educação apontando a necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar.

Se a psicanálise pode contribuir, de alguma forma, com o campo de educação, terá de apontar para a necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar, que supõe uma reconstrução a ser feita pelo professor junto aos alunos. Escutar é dar sentido ao mundo que cerca o aluno. Ao escutar os ditos e os não-ditos, produzimos e ampliamos o mundo das coisas, damos a nossa versão, que é uma réplica e não uma repetição. (ORNELLAS 2005, 58)

A escuta sensível por parte do coordenador é uma ferramenta que vai dar sentido à prática pedagógica. Através da troca mútua entre quem fala e quem escuta. A escuta sensível acompanha o sujeito nas diversas fases da evolução humana e auxilia no desenvolvimento integral do sujeito.

E da mesma forma que ama quem é amado, escuta quem é escutado. A escuta sensível, é exatamente essa proposta de troca mútua, entre quem fala e quem escuta, em que ambos os sujeitos do processo se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano. O processo da escuta sensível é uma prática que necessariamente precisa acompanhar as diversas fases da evolução humana, pois ela também é uma das promissoras para o desenvolvimento integral do sujeito, na medida em que este se constitui como tal na relação com o outro. A escuta sensível é uma grande possibilidade de crescimento, pois à medida que se escuta as angústias do outro, há uma aproximação deste, um conhecimento, e, ao conhecermos o outro, aprendemos a nos conhecer também. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 16)

Escutar ao outro é dar ouvido às vozes que estão dentro do sujeito e por isso ele se constitui e é reconhecido a partir do vínculo que estabelece com o outro. E para estabelecer o vínculo e criar laços faz-se necessário uma escuta atenta aos gestos, palavras, ações e emoções.

O escutar pode ser definido como a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções. O conceito encontra-se relacionado ao ouvir com atenção, o que infelizmente está um pouco distanciado da prática que é exercida na atualidade. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 17)

É diante deste cenário que a escuta sensível pode abrir um canal de comunicação, pois a escuta pedagógica envolve não só o sentido do ouvir, mas o de fazer uma leitura subjetiva da linguagem, apresentado pelo sujeito escutante.

Nos dias atuais quando o professor dirige-se para a sala de aula, questiona-se acerca da dispersão, a falta de atenção e interesse pelas atividades desenvolvidas em classe. Diante desse mal-estar no ambiente escolar, a escuta pedagógica pode abrir um canal de comunicação, porque o instrumento da escuta pedagógica envolve não só o sentido de ouvir, mas o de fazer uma leitura subjetiva da linguagem, apresentado pelo sujeito escutante. (ORNELLAS 2005, 57)

Criar espaços para que o professor possa falar de suas angústias é fundamental para a manutenção dos laços afetivos. A palavra pode curar, então deve ter espaços não só para assuntos pedagógicos, mas o professor precisa de um espaço no qual ele possa se expressar. E deve ser um espaço de troca entre os diversos segmentos que compõe o contexto escolar.

Ofertar espaços de fala que possibilitem aos sujeitos sejam eles alunos, pais e educadores, estabelecer trocas com seus parceiros é uma das formas possíveis de trabalhar fora dos consultórios, com uma orientação psicanalítica no âmbito da psicanálise aplicada. (RUBIM e BESSET 2007, 43)

E quando se fala em espaços de fala, não seria criar espaços para terapia de grupo, mas um trabalho de troca de experiências onde cada professor possa falar suas práticas e ouvir o que os outros têm a dizer a respeito de suas angústias, frustrações ou desilusões. Aquilo que deu certo também deve ser compartilhado. Sendo um momento de fala e escuta. Ao escutar a fala do professor, o coordenador tem a oportunidade de conhecer melhor o contexto ao qual o professor faz parte e revelar também o contexto do qual faz parte.

A escuta sensível pede a compreensão do sujeito como um todo. Isso envolve seu estado de um sujeito completo e complexo. A complexidade refere-se a compreender os vários elementos que fazem parte do contexto do sujeito. Entendido como um ser social, que sofre as influências do meio em que vive. Conhecer o outro pede conhecer sua subjetividade, adentrar as barreiras do corpo físico e buscar a essência no seu verdadeiro eu, o eu interno, que nem sempre se exhibe, mas que guarda os mais importantes “segredos”. O assassino não nasceu assassino, da mesma forma que o herói não nasceu herói. Ambos sofreram influência do meio em que viveram e do contexto em que foram criados, onde foram desprezados ou acolhidos. Ou seja, um dos grandes fatores que influenciam o que cada um torna-se é justamente os contextos do qual estes fazem parte, desta forma, não é possível ignorar a relevância do contexto social e sua influência na constituição humana. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 25)

A escuta sensível é um grande desafio para o coordenador que tem a oportunidade de trabalhar de uma forma diferente da forma que sempre trabalhou. Uma das grandes dificuldades de praticar a escuta sensível no espaço de coordenação pedagógica é que os professores esperam que o coordenador vá chegar e falar, orientar e quem vai estar no papel de escutar é apenas o professor .

Quando falamos em escuta sensível no espaço da coordenação pedagógica, o coordenador fica como ouvinte. A inversão de papel muitas vezes pode incomodar o professor que fica calado. Essa mudança deve ser feita aos poucos, pois somente quando o coordenador escutar o professor vai pode atendê-lo de uma maneira significativa e em sua totalidade.

Apontamos assim a possibilidade desses indivíduos poderem falar de um saber do qual são detentores e que é exclusivo de cada um deles e esse fato que garante a especificidade da psicanálise, não abrindo mão de dois princípios básicos, presentes desde sua concepção: trabalhar a partir da contingência, e ter como norteador ético a responsabilização do sujeito. (RUBIM e BESSET 2007, 53)

E de acordo com Cerqueira e Souza (2011) aquilo que não foi pronunciado também é importante e é preciso estar atento também ao silêncio do professor.

Nem sempre as palavras são as melhores transmissoras das mensagens, é preciso buscar também no silêncio aquilo que não foi dito através do som pronunciado. No entanto, não é a

simples interpretação que dá sentido às formas de expressão do outro. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 20)

Então, um coordenador que trabalha à luz da psicanálise é um coordenador que deve propor momentos de comunicação e escuta pedagógica entre os professores. Momento em que ele vai estar atento para ouvir de forma sensível a fala dos professores e tentar atendê-los, os ajudando na busca de soluções para o despenho de suas funções no espaço escolar.

2. METODOLOGIA

Está pesquisa foi realizada na Escola Classe 54 de Taguatinga, que foi fundada em 05 de março de 1970. A atual Escola Classe 54 de Taguatinga era originalmente o Centro Educacional de Taguatinga Sul – CETS. Em 1977, o prédio passou a oferecer o Curso Normal e, dez anos depois, foi oficialmente transformado na Escola Normal de Taguatinga. Em 2005, entretanto, a escola passou por uma nova reformulação, tornando-se o Centro de Ensino Fundamental 18 de Taguatinga. E no ano 2013, o Governador do DF publicou no DODF nº74, que esta instituição de ensino seria denominada Escola Classe 54 de Taguatinga.

A comunidade escolar é bem diversificada, há estudantes de cidades próximas à Taguatinga como: Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Águas Claras, Ceilândia, Colônia Agrícola Vicente Pires, além de moradores da própria cidade de Taguatinga.

Hoje a escola conta com um número de aproximadamente 785 alunos. Possui 41 turmas regulares, sendo que destas, 27 turmas contam com alunos incluídos.

A presente pesquisa tem como objetivo evidenciar como a comunicação e a escuta pedagógica pode contribuir na construção dos laços sociais. Identificando o significado que os docentes atribuem à fala e a escuta sensível analisando de que forma o coordenador pode contribuir na construção de laços afetivos usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica no contexto escolar.

Para fundamentar a pesquisa foi necessário estudar conceitos relacionados à psicanálise e aspectos relevantes à biografia de Freud e a definição de afeto de acordo com a psicanálise e a relação da psicanálise com a educação.

Esta pesquisa consiste em observar os fatos e fenômenos exatamente como ocorrem dentro do contexto escolar. Parte-se da observação do momento de coordenação pedagógica e da realização de entrevistas para

depois poder realizar a análise dos dados referentes à pesquisa e interpretá-los, com base em uma fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado.

A entrevista foi realizada com quatro professores e três coordenadores que fazem parte do corpo docente da Escola Classe 54 de Taguatinga. Participaram da pesquisas: uma professora da Educação Infantil, uma professora do BIA (bloco inicial de alfabetização) e a professora do 4º ano do Ensino Fundamental e uma professora do Ensino Especial. Ao entrevistar as quatro professoras que atuam em diferentes etapas pretendeu-se partilhar a diversidade com o qual o coordenador tem que atuar e muitas vezes sem preparação ou formação específica, ele precisa atender e cumprir com suas atribuições legais.

De 27/10/2015 a 10/11/2015 de acordo com o cronograma era o período para coleta de dados, mas não foi possível realizar o trabalho. Do dia 15/10/2015 ao dia 12/11/2015 as escolas públicas do Distrito Federal paralisaram suas atividades e grande parte dos professores participaram da greve. Esse contexto atrapalhou um pouco o desenvolvimento da pesquisa, pois atividades da escola não seguiram a mesma rotina. Mas como trabalhamos com psicanálise e sabemos que neste campo não há certezas, a partir deste novo contexto, um percurso diferente foi traçado e o trabalho realizado.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1. Observação do momento de coordenação coletiva:

Durante a greve, iniciei o processo de observação que consiste em observar os fatos e fenômenos exatamente como ocorrem dentro do contexto escolar. Para nortear o trabalho segui o roteiro de observação e registrei as anotações importantes em um relatório de observação. Segue o quadro abaixo com os horários e datas das observações:

Horários e datas das observações			
Data	10/11/2015 Terça-feira	11/11/2015 Quarta-feira	12/11/2015 Quinta-feira
Horário	8h as 11h	8h as 11h	8h as 11h

Quadro1 - Horários e datas das observações

Os professores chegam à escola por voltam das 8 horas e se reúnem em grupos de acordo com a etapa com que trabalham. Terça-feira é um dia dedicado à organização e planejamento. Neste dia os coordenadores estavam em reunião com a direção e não houve momentos específicos de trocas entre os professores e coordenadores.

A quarta-feira é o dia da reunião pedagógica, o tema da reunião foi a discussão da Base Curricular Nacional e a supervisora pedagógica conduziu a reunião. Durante a coletiva, os coordenadores participaram da reunião apenas apoiando a supervisora. Os professores fizeram leitura coletiva de um texto e depois discutiram as ideias principais. Não houve situações de conflito.

Quinta-feira é um dia também dedicado para planejamento e organização de atividades. Alguns professores participam de cursos para formação continuada e nesse dia a escola fica mais vazia. Foi possível observar que os coordenadores estão sempre disponíveis para ajudar os professores, dando sugestões para enriquecer o trabalho pedagógico.

Após cada observação, percebi que os momentos de coordenação coletiva apesar do nome acabam sendo um momento no qual cada sujeito realiza o seu trabalho sozinho. Os professores aproveitam este momento para realizar planejamento de atividades e elaborar materiais. Foi possível observar que há poucos momentos de troca entre os coordenadores e os professores. Garantir esses momentos de troca entre os professores é fundamental para ao andamento do trabalho pedagógico.

Essas soluções para organização do tempo são pertinentes pois ajudam as equipes escolares a crescer na elaboração conjunta do projeto de escola, mesmo em situações adversas . Porém é importante lembrar que cabe a gestão institucional , as autoridades responsáveis pelo ensino o compromisso de

valorizar os momentos de reflexão dos educadores , mediante a implantação de condições favoráveis a eles como por exemplo a garantia mínima de três horas semanais e remuneradas para essa reflexão.(BRUNO e CHRISTOV 2009, 55)

Cabe ao coordenador repensar esses momentos, pois a coordenação coletiva é um momento de troca de experiências onde o professor possa avaliar sua prática e aprofundar seus conhecimentos.

O momento de reflexão que vem acontecendo em muitas escolas tem merecido atenção de formadores e pesquisadores pelas dificuldades apresentadas no processo de organização. A importância dessa reflexão está na oportunidade de os professores avaliarem sua prática, trocarem experiências com os colegas e aprofundarem conhecimentos relativos ao processo de ensino. Sobretudo nas escolas públicas e municipais e estaduais, as questões da organização dos momentos de reflexão merece ser analisada e repensada, pois muitas são as queixas de professores e coordenadores sobre as dinâmicas predominantes nesses encontros.(BRUNO e CHRISTOV 2009, 55)

Ao organizar o espaço de coordenação pedagógica como um espaço de reflexão, o coordenador deve utilizar ferramentas como a escuta sensível para ouvir a fala dos professores. O professor deve se sentir à vontade para partilhar seus erros e acertos, manifestar suas dúvidas e dificuldades, assim como suas descobertas e soluções.

3.2 . Entrevistas semiestruturadas

Neste capítulo de análise dos dados, a discussão teve como direcionamento evidenciar como a comunicação e escuta pedagógica pode contribuir para construção dos laços sociais no contexto escolar.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PRÁTICA DE SUA FUNÇÃO À LUZ DA PSICANÁLISE	A comunicação e a escuta pedagógica dentro do contexto escolar:		
		PROFESSORES	COORDENADORES
	A) Função	Como se tornou professor e a relação do professor com sua profissão? Sua visão em relação a coordenação pedagógica?	Como se tornou coordenador? A coordenação foi uma opção em sua carreira? Sua visão mudou em relação a coordenação pedagógica?
	B) A escuta sensível	Como a escuta sensível pode contribuir para construção dos laços sociais e em que momento a escuta sensível acontece no contexto escolar?	Como a escuta sensível pode melhorar a qualidade do trabalho pedagógico e em que momento a escuta sensível acontece no contexto escolar? De que maneira a construção dos laços sociais influencia o contexto escolar?
	C) A fala do professor (discurso)	Há espaços onde o coordenador possa escutar a fala dos professores? Você sente que a seu discurso é ouvido e acolhido pelo coordenador?	Há espaços onde o coordenador possa escutar a fala dos professores? Você sente que o seu discurso é ouvido e acolhido pelos professores?
D) A comunicação e a escuta pedagógica dentro do espaço escolar.	Como a comunicação e a escuta pedagógica pode contribuir para a construção dos laços sociais?	Como coordenador você concorda que a comunicação e escuta pedagógica são ferramentas que auxiliam o seu trabalho na coordenação pedagógica?	

Quadro 2 - A comunicação e a escuta pedagógica dentro do contexto escolar:

3.2.1 Entrevista semiestruturada (PROFESSORES)

Para facilitar a compreensão da análise dos dados da pesquisa apresento um quadro com dados importantes de todos os entrevistados. E a fim de preservar a identidade de cada participante, não será revelado o nome dos entrevistados, serão identificados por números.

<i>Professores entrevistados</i>				
Identificação	Professora 1	Professora 2	Professora 3	Professora 4
Função	Professora	Professora	Professora	Professora
Etapa	Educação Infantil	Alfabetização	5º Ano	Ensino Especial
Formação inicial	Pedagogia	Magistério	Magistério	Magistério
Formação atual	Pedagogia e especialização em orientação educacional;	Pedagogia	Pedagogia e especialização em Psicopedagogia	Administração
Tempo de magistério	18 anos	18 anos	27 anos	23 anos
Tempo de atuação na etapa em que trabalha	10 anos	1 ano	10 anos	21 anos
Tempo que atua na instituição	1 ano e 6 meses	3 anos	1 ano	4 anos

Quadro 3 - Professores entrevistados

A) Função

Como se tornou professor e a visão do professor em relação à coordenação pedagógica

O primeiro tópico da entrevista era questionar a cada professor como ele se tornou professor. Ao fazer esse questionamento queria ouvir um pouco da história do professor e saber qual foi o seu percurso até chegar à educação.

O que foi marcante no discurso de cada professor é que a escolha do magistério não foi uma opção. Cada professor teve um percurso diferente, mas eles não queriam tornar-se professor. Foi como que por um acaso ou como alguns afirmam falta de opção.

“Foi por influência familiar: mãe professora, irmã professora... E assim por diante. (Professora 1)

“Assim que passei no concurso eu não queria ser professora, queria ser médica. Por falta de oportunidade acabei fazendo magistério.” (Professora 2)

“Quando eu tinha 18 anos fiz magistério por falta de opção. Depois fiz pedagogia e hoje estou trabalhando na área como contrato da Secretaria de Educação.” (Professora 3)

“Passei em dois concursos públicos e avaliando o plano de carreira do magistério fiz a opção em ser professora”. (Professora 4)

De acordo com a psicanálise, a história do sujeito e sua relação com a educação vão refletir na sua prática por isso é importante analisar o seu percurso para poder entender a sua relação com o aluno e com os colegas Lajonquière (1999) aponta para a dificuldade do professor em lidar com as frustrações do ato educativo:

Dessa forma o adulto de hoje padece de uma certa propensão a degradar o estatuto simbólico da educação pois cada vez que se endereça a uma criança , alimentando semelhante ilusão , acaba fazendo o possível para poupá-la das limitações inerentes a mesma. Mas ainda, é por essa razão que o adulto não pode não experimentar uma espécie de horror ao ato educativo, parafraseando Lacan , visto que as restrições nele embutidas ecoam subjetivamente como uma ferida narcísica (LAJONQUIÈRE 1999, 191)

Tendo em vista que o início da carreira para muitos professores é um período difícil, no qual muitos problemas se evidenciam, é fundamental estar atento a esse mal-estar e perceber os sintomas. E se não houvesse os estudos na área da psicanálise não estaríamos preocupados com sofrimento ou com as doenças que acometem o professor; deixaríamos essas preocupações apenas para medicina. Mas por entender como os sintomas se manifestam, que os estudos nessa área são tão importantes e trazem contribuições para o contexto escolar.

Não temos dúvida que a psicanálise pode transmitir ao educador uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa é um saber que pode gerar, dependendo naturalmente das possibilidades subjetivas de cada educador, um lugar, uma posição uma filosofia de trabalho que aponte para o desvelar dessa desconhecida rede de relações que circula numa instituição escolar. É pela escuta cuidadosa dos sintomas presentes no mal-estar da sala de aula , por parte do professor, é que penso algumas fronteiras são possíveis entre psicanálise e educação. (ORNELLAS 2005, 53)

Durante as entrevistas três professoras salientaram a importância do coordenador pedagógico.

“O coordenador é um facilitador do processo de ensino aprendizagem. Ele é responsável de trazer informações para os professores. A relação entre o professor e o coordenador é uma relação de troca. O coordenador traz informações para os professores. E isso é muito importante na prática pedagógica ” (Professora 1)

“A função do coordenador é importante, mas na escola em que trabalho o coordenador não tem desempenhado tal função”. (Professora 2)

“Sim, porque é o elo para realização do projeto-político-pedagógico.” (Professora 3)

“Não acho muito importante porque fazemos tudo sozinhos. O coordenador tem que ajudar mais os professores nessa escola. Ele só faz os serviços da direção” (Professora 4)

É possível perceber que apesar de afirmarem a importância do papel do coordenador dentro do espaço escolar, afirmam que o coordenador não tem desempenhado tal função. Apenas a professora 4 afirmou que a função do coordenador não era importante, demonstrando uma não identificação com o coordenador. Segundo Paín (1999):

A identificação é, pois o mecanismo segundo o qual o sujeito se transforma para tornar-se semelhante a outrem. Então, pela acomodação o sujeito modifica uma ação real ou virtual para que ela se adapte à especificidade do objeto pela identificação; o sujeito adota as insígnias do outro para adquirir a mesma significação daquele que se apresenta aos seus olhos. (PAÍN 1999, 61)¹

Para que o corpo docente perceba a importância da função do coordenador é preciso deixar claro suas atribuições e estabelecer uma rotina para atender os professores, organizando seu trabalho de maneira que a equipe gestora não interfira, o desviando de sua função. Guimarães e Villela (2000) apontam que:

A escola é um universo bastante complexo: há uma finalidade aparentemente conhecida e consagrada em torno da qual se aglutinam pessoas frequentemente diferentes, que desempenham funções variadas, com atribuições, expectativas e demandas diversas. Por essa razão, muitas vezes a escola funciona a partir do equívoco de que todos sabem o que ela significa para si e para o outro: subentende-se que todos estão lá por única razão, que todos sabem seu papel, todos conhecem seu ambiente de trabalho e sua dinâmica.

(GUIMARÃES e VILLELA 2009, 37)

Ao assumir o papel de coordenador, o professor pode encontrar muitas dificuldades que às vezes o faz desistir de desempenhar tal função. Um dos fatores que pode dar apoio aos professores que querem assumir tal função é o investimento em formação continuada para esses profissionais para que tenham apoio dos gestores e possam fazer o trabalho com mais segurança e obter um melhor desempenho. A cada ano, o coordenador vem conquistando um espaço dentro da escola, hoje sua função é regulamentada e existem atribuições legais para o exercício de sua função.

B) A escuta sensível

Qual a contribuição da escuta sensível e em que momento a escuta sensível acontece no contexto escolar

A escuta sensível pode ser vista como um instrumento de trabalho a ser utilizado pelo coordenador. A escuta sensível deve ser uma escuta reflexiva, que dá sentido ao contexto no qual o sujeito está inserido. Dois professores que participaram da pesquisa consideram importante ter momentos de escuta dentro do espaço escolar. Eles reconhecem a importância da escuta sensível.

“A escuta sensível é importante: não há com fazer essa troca se o coordenador não escutar o professor.” (Professora 1)

“A escuta sensível é essencial. (Professora 2)

Apenas a professora 4 afirmou que não há espaços para escuta sensível dentro da escola. E a professora 3 afirma que há espaços para escuta sensível. Considerando que as duas professoras fazem parte da mesma escola podemos apontar que não há uma coerência entre o discurso das duas professoras.

“Sim, há espaços para escutar de maneira sensível os professores e alunos” (Professora 3)

“Só se você cavar a oportunidade será atendido. Na escola não há espaço para escuta sensível.” (Professora 4)

Isso pode acontecer porque muitos professores não têm ainda um conceito claro do que é escuta sensível. Escutar de maneira sensível é fazer

uma leitura subjetiva do sujeito que fala para poder realmente escutar a fala do outro.

O sujeito é composto de características objetivas e subjetivas. A objetividade é mais facilmente identificada, reconhecida; já a subjetividade tem traços mais “tímidos”, ocultos, que necessitam de maior sensibilidade para que possam ser descobertas. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 18)

Segundo Barbier, apud, Cerqueira e Souza (2011) a escuta sensível requer uma postura em relação ao outro:

A postura que se requer para uma escuta sensível é uma abertura holística. Trata-se na verdade de se entrar numa relação de totalidade com o outro, tomado em sua existência dinâmica. Alguém só é *pessoa* através da existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão e de uma afetividade, todos em interação permanente. A audição, o tato, a gustação, a visão e o olfato se aplicam à escuta sensível. A escuta sensível se apóia sobre a totalidade complexa da pessoa. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 10)

Quanto aos momentos em que a escuta sensível acontece dentro do espaço escolar alguns professores apontaram momentos específicos como reuniões pedagógicas e o conselho de classe.

“Os espaços de comunicação e escuta são na hora da coletiva, que é realizada as quartas feiras, no final da coletiva e no conselho de classe.” (Professora 2),

Apesar da importância desses momentos, o coordenador deve mostrar aos professores que o ato de escutar não é apenas estar atento ao que é dito, mas é algo que vai além, é refletir a respeito da fala do outro. O que às vezes não acontece durante as reuniões coletivas e conselhos de classe.

O escutar pode ser definido como a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções. O conceito encontra-se relacionado ao ouvir com atenção, o que infelizmente está um pouco distanciado da prática que é exercida na atualidade. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 17)

C) A fala (discurso do professor)

Há espaços onde o coordenador possa escutar a fala dos professores

Segundo Ornellas (2005) “é pela fala e pela escuta que o sujeito relaciona-se e se comunica.” A fala permite que o sujeito expresse suas idéias e uma das condições fundamentais para organização do homem em sociedade. Os quatro professores afirmaram que há espaços para ouvir a fala do professor.

“Sim, nas reuniões coletivas e reuniões pedagógicas. (Professora 1)

“Sim, há espaços para ouvir a fala dos professores. É importante o coordenador ouvir a fala do professor para poder atender às suas necessidades, ocorrendo uma troca entre o professor e o coordenador”. (Professora 2)

“Durante as coletivas e nos momentos de avaliação do trabalho pedagógico, há momentos para que os professores possam falar. (Professora 3)

“Ouvir a fala dos colegas é fundamental para estabelecer parcerias com os colegas e ajudar até na elaboração das atividades”. (Professora 4)

No espaço escolar a fala também vai ajudar a organizar o trabalho pedagógico, a partir da fala o sujeito vai expressar seus anseios, suas necessidades e é a partir da escuta atenta do coordenador que vai poder atendê-lo de maneira comprometida e significativa.

A fala da professora 4 reforça a importância do discurso na construção dos laços e formação de vínculos afetivos quando a professora afirma que a fala é fundamental para estabelecer parcerias entre os colegas. O discurso e a linguagem auxiliam o homem na construção dos laços sociais. Com a posse de uma estrutura de linguagem, o sujeito passa a existir e atuar na sociedade em que vive.

Isto implica dizer que o sujeito não cria seu discurso, mas é causado por ele, e existe apenas por causa do discurso e da linguagem. Só pode manifestar-se porque encontra na linguagem um substrato, um apoio, uma forma que o cria e permite seu advento. O sujeito precisa da palavra para existir e para dizer-se. (...) Assim, para a Psicanálise, o sujeito do inconsciente se constitui na e pela linguagem. Desta perspectiva, a linguagem não é instrumento de comunicação, mas a trama mesma que faz o sujeito. Tal formação aparece

de modo evanescente, nos interstícios das palavras. No entre dois. Não há liberdade nesse surgimento, não há escolha. O sujeito não fala, mas é falado. (KUPFER 2010, 269-270)

Quando o coordenador passa a escutar a fala do professor, ele dá espaço para que o professor possa existir no contexto em que está inserido. E ouvir a fala do professor é penetrar em seu mundo, e dar espaço para que o outro se manifeste. A partir de situações favoráveis, o professor deve sentir abertura para participar dos momentos de coordenação pedagógica a fim de expressar suas idéias, suas dificuldades e opiniões, para que seja um momento de efetiva troca de experiências e conhecimento.

D) A comunicação e a escuta pedagógica no espaço escolar

Como a comunicação e a escuta pedagógica pode contribuir para construção dos laços sociais

A comunicação e a escuta pedagógica são instrumentos que são apresentados como uma sugestão para enriquecer a prática do coordenador pedagógico a luz da psicanálise. A psicanálise é um método de investigação que tem como instrumento de trabalho a fala e a escuta. A intenção da escola é pegar emprestado esses instrumentos e tentar utilizar dentro do espaço escolar.

“Sim as relações interpessoais são importantes para a realização do trabalho pedagógico, para que ocorra troca”(Professora 1)

“É importante criar laços pois passamos a maior parte de nossa vida nesse ambiente”
(Professora 2)

“Não conseguimos viver isolados e sempre aprendemos coisas novas” (Professora 3)

“É importante criar laços dentro do espaço escolar porque a comunicação acontece e a gente percebe melhor a personalidade das pessoas”(Professora 4)

Os professores entrevistados afirmaram que a construção de laços sociais é importante dentro do espaço escolar. Trabalhar em uma escola que valorize a comunicação e escuta pedagógica incentiva um clima de confiança

para discussão de acertos e erros.

A escuta sensível exige a humanização das relações. Eis um dos seus princípios fundamentais. O ser humano que tem uma prática humanizada, dificilmente vai ter uma postura insensível, intempestiva, o que facilita o espaço para as ações solidárias, o espaço para estar disponível ao outro num simples gesto de escutar. O que conseqüentemente ocasiona uma prática diferenciada que proporciona a sensação de acolhimento. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 20)

Quando a comunicação e a escuta sensível são valorizados dentro do contexto escolar, os momentos de reflexão, análise e discussão passam a ser mais produtivos. E quando isso acontece deve representar uma grande conquista para professores e coordenadores.

3.2.2 Entrevista semiestruturada (Coordenadores)

Para facilitar a compreensão da análise dos dados da pesquisa apresento um quadro com dados importantes de todos os entrevistados. E a fim de preservar a identidade de cada participante, não será revelado o nome dos entrevistados, serão identificados por números.

Coordenadores entrevistados			
Identificação	Coordenadora 1	Coordenadora 2	Coordenadora 3
Função /Etapa com que trabalha	Coordenadora Educação Infantil	Coordenadora Alfabetização	Coordenadora 4° e 5° Ano
Formação inicial	Magistério	Magistério	Magistério
Formação atual	Licenciatura em Educação artística	Pedagogia Especialização em Avaliação escolar	Pedagogia
Tempo de magistério	21 anos	18 anos	27 anos
Tempo de atuação na função de coordenador	1 ano e 6 meses	1 ano	1 ano
Tempo que atua na instituição	1 ano e 6 meses	3 anos	1 ano

Quadro 4- Coordenadores entrevistados

A) Função

Como se tornou coordenador e sua visão em relação à coordenação pedagógica

Ser coordenador é uma função que muitos professores não querem assumir. A falta de formação específica para o cargo, a falta de uma gratificação, de reconhecimento por parte dos professores e o excesso trabalho são pontos que levam muitas vezes, o professor a desistir de desempenhar tal função. A educação está passando por um momento difícil, lidar com os problemas em sala de aula causa dor e sofrimento para muitos professores. Então quando um professor assume a função de coordenador, ele vai lidar com uma categoria que precisa de apoio.

Por sua vez, o professor coordenador encontra obstáculos para realizar suas atividades. É atropelado pelas urgências e necessidades do cotidiano escolar. Enquanto figura nova e sem tradição na estrutura institucional, tem suas funções ainda mal compreendidas e mal delimitadas. Com poucos parceiros e freqüentemente sem nenhum apoio na unidade escolar, precisa vencer seus medos, suas inseguranças, seu isolamento para conquistar seu espaço. (GARRIDO 2009, 11)

A fala das coordenadoras aponta que duas coordenadoras foram convidadas pela direção para assumir o cargo. A Coordenadora 3 foi convidada pela Regional, pois na escola ninguém queria assumir o cargo. O que justifica a dificuldade em ter professores interessados em trabalhar na coordenação pedagógica. As falas da Coordenadora 1 e da Coordenadora 2 mostram que depois que elas passaram a ser coordenadoras a visão delas em relação à coordenação pedagógica mudou, percebendo a coordenação como algo positivo.

“Fui ser coordenadora a convite da direção e eleição dos professores registrada em ata. Minha visão em relação a coordenação pedagógica mudou muito . A coordenação é uma via de mão dupla, você aprende com os docentes e eles aprendem com você”
(Coordenadora 1)

“Devido ao conhecimento do meu trabalho com alfabetização pelo grupo de professores e equipe gestora, ligada à necessidade de um profissional para a função, a direção da escola sugeriu que eu me candidatasse, aceitei e fui submetida a aprovação do grupo. Não pensava em ser coordenadora anteriormente não, e nem tenho curso de

capacitação para essa função, exceto alguns encontros oferecidos pela secretaria após já estar no cargo, no decorrer do ano. A gente começa a ter uma visão mais ampla do trabalho da escola coletivamente e do trabalho individual de cada professor, em consequência passamos a ter um olhar com maior criticidade e ao mesmo tempo também a ter um respeito maior as diferentes estratégias de ensino e aprendizagem em sua diversidade”. (Coordenadora 2)

“Pensando na situação aceitei a coordenação. Estava fora de sala há aproximadamente 7 anos, estava saindo de uma licença maternidade, mudei de escola por remanejamento. Ao chegar à escola a mesma estava em um processo delicado em relação à direção e foi solicitado pela Regional de Ensino que eu assumisse a coordenação para um melhor desenvolvimento pedagógico da escola. Minha visão em relação à coordenação não mudou. Já desenvolvi diferentes atividades dentro e fora da escola. É necessário ter confiança em seu trabalho, pois, muitas vezes, lhe é solicitado algo (pela direção, professores ou até pais) e a solução encontrada é aceita sem questionamento.” (Coordenadora 3)

A coordenadora 3 afirma que a visão dela não mudou, pois ela já tinha conhecimento da importância e do valor do trabalho do coordenador pedagógico. O trabalho do coordenador é fundamental para organizar a prática pedagógica. Garrido (2009) afirma que o trabalho do coordenador é essencial e complexo uma vez que lida com a realidade escolar e seus desafios.

Esse trabalho é por si só complexo e essencial, uma vez que busca compreender a realidade escolar e seus desafios, construir alternativas que se mostrem adequadas e satisfatórias para os participantes, propor um mínimo de consistência entre as ações pedagógicas, tornado-as solidárias e não isoladas ou em conflitos umas com as outras. (GARRIDO 2009, 9)

A melhor maneira do coordenador contribuir no exercício de sua função é subsidiar momentos de reflexão entre os professores a respeito da função do coordenador e suas atribuições, para que o trabalho do coordenador possa ser mais efetivo. E, somente o professor que tiver consciência do papel do coordenador dentro do contexto escolar, poderá compreender a importância de tal função. E poderá entender as razões que justificam as decisões tomadas pelo grupo a fim de melhorar a realidade da qual faz parte.

b) A escuta sensível

Como coordenador você consegue promover momentos para sentar e escutar cada professor

A escuta sensível pode melhorar a qualidade do trabalho pedagógico e quando o coordenador utiliza esse instrumento para realizar seu trabalho, sua prática será mais coerente. O coordenador deve lembrar que ao escutar o professor deve tentar ter uma postura de neutralidade, sem julgamentos e sem interpretações, dando espaço ao professor para que não fique inibido e possa se manifestar de maneira adequada.

Escutar é a ação de receber justamente o que o outro lhe diz, sem pré-julgamentos, o que exige certa “neutralidade”, ou seja, o ouvinte precisa estar ali para escutar o que é dito e expresso, e não para fazer errôneas interpretações. Eis uma ação bem difícil de ser realizada, porque a gente muitas vezes não consegue ouvir o que o outro fala sem logo dar um palpite, fazer uma crítica, sem misturar aquilo que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. O ser humano perdeu um pouco da disposição de estar com o outro, o mundo gira em torno do egoísmo, em que as pessoas já não conseguem sequer, praticar uma das mais simples ações: escutar, simplesmente escutar. (CERQUEIRA e SOUSA 2011, 19)

A coordenadora 1 afirma que não há momentos específicos de espaços para escuta sensível no contexto escolar. Já a coordenadora 2 afirma que pelo menos uma vez na semana senta com o grupo de professores para ouvi-los e depois fica a disposição caso algum professor tenha necessidade, a coordenadora 3 defende a importância da escuta sensível dentro do espaço escolar para conhecimento dos fatos e na busca de soluções mais acertadas.

“Não há um momento específico, mas estou sempre à disposição para atender os professores quando necessário.” (Coordenadora 1)

“Sim. Pelo menos uma vez por semana sentamos com os grupos de professores de cada ano durante a coordenação e ficamos disponíveis para atender individualmente caso tenha necessidade também”. (Coordenadora 2)

“Esse momento de escuta é de extrema importância, o momento de escuta é fundamental para um melhor conhecimento dos fatos (diversos) e soluções mais

acertadas. Tanto situações profissionais quanto pessoais, uma interfere diretamente na outra”. (Coordenadora 3)

Ser coordenador é uma tarefa difícil e cada professor deve buscar soluções adequadas à sua realidade escolar. Seria bem mais fácil se todos os coordenadores tivessem manuais de sucesso e métodos milagrosos para seguir. Mas na realidade não é assim. Apenas a experiência e as tentativas de acertos e erros é que vão ajudar o coordenador a construir uma identidade. E a escuta sensível pode ser um instrumento importante para o coordenador nesta tarefa.

Essa tarefa formadora, articuladora e transformadora é difícil primeiro, porque não há fórmulas prontas a serem reproduzidas. É preciso criar soluções adequadas a cada realidade. Segundo, porque mudar práticas pedagógicas não se resume a uma tarefa técnica de implementação de novos modelos a substituir programas, métodos de ensino e formas de avaliação costumeiros. Mudar práticas significa reconhecer os limites e deficiências no próprio trabalho. (...) Mudar práticas pedagógicas significa compreender mudanças em toda a cultura organizacional. (GARRIDO 2009, 10)

Ao fazer uma escuta reflexiva a respeito da dor e da angústia do professor, o coordenador pode também ajudar o professor a reconhecer seus limites e suas falhas e auxiliá-lo a encontrar soluções, apontando um novo caminho que às vezes o professor não estava enxergando.

C) A fala (discurso do professor)

Há espaços onde o coordenador possa escutar a fala dos professores

Não há um espaço específico, mas estar atento à fala do professor faz toda a diferença no trabalho do coordenador. O professor muitas vezes não está atento à fala do coordenador em reuniões, é comum os professores afirmarem que a fala está distante do contexto do professor, pois o coordenador está fora da sala de aula. A fala das coordenadoras confirma a importância e a necessidade de ouvir os professores

“Sim tem que estar atento às necessidades dos professores, pois eles dizem muito como deve ser o funcionamento da escola” .(Coordenadora 1)

“Sim. É o momento em que são feitas colocações que farão diferença no empenho do profissional ao desenvolver suas atribuições. Um profissional feliz é um profissional comprometido, envolvido, é o profissional que faz a diferença”. .(Coordenadora 2)

“Com certeza. Através da observação em diferentes momentos de forma sensível é que mais percebemos as aprendizagens e dificuldades do aluno para daí trabalhar suas necessidades partindo do que ele já sabe/aprendeu.” .(Coordenadora 3)

A partir do depoimento das coordenadoras é possível observar que a fala é um instrumento importante de comunicação que favorece a articulação do trabalho realizado pelo coordenador no espaço escolar.

A relação do homem com a natureza, consigo mesmo, com o outro e com o mundo, é intermediado pelos símbolos, isto é signos arbitrários e convencionais, pelos quais o homem representa o contexto. Portanto, ao criar representações, os homens se comunicam de maneira organizada e elaborada. (ORNELLAS 2005, 61)

Por isso escutar e conhecer o contexto no qual o professor está inserido é fundamental. Se o coordenador escuta de maneira a refletir, a dar sentido à fala do professor, vai conhecer os anseios e desejos do professor e, assim, suas orientações podem ser mais coerentes. Promover atividades para que professores possam expressar suas opiniões e se comunicarem são momentos importantes para a socialização e interação do grupo de professores da escola.

D) A comunicação e a escuta pedagógica dentro do espaço

Como a comunicação e a escuta pedagógica pode contribuir para construção dos laços sociais

A comunicação e escuta pedagógica são instrumentos que auxiliam o trabalho do coordenador pedagógico. E tanto a comunicação como a escuta pedagógica ajudam na construção dos laços sociais que fortalecem o trabalho pedagógico. Podemos observar que isso foi confirmado pela fala das coordenadoras.

“O coordenador é o elo entre direção, os professores e a comunidade escolar. A escola é como uma família e precisamos fortalecer os laços.” (Coordenadora 1)

“Sim. Escola é um grupo social e quando sentimos parte de um grupo criamos laços, nos sentimos com mais segurança, fazemos trocas, facilitando assim o ensino e a aprendizagem. (Coordenadora 2)

“Sim com já falei a escola é um espaço de respeito, de valorização, de crescimento, de aprendizado contínuo, então sem valorizar o próximo a pessoa certamente estará no lugar errado”. (Coordenadora 3)

Criar laços e fortalecer os vínculos sociais é poder ajudar o bom andamento do trabalho pedagógico. Já sabemos que o afeto faz parte do universo escolar e que tanto sentimentos bons, ou sentimentos ruins, podem afetar o sujeito que faz parte desse universo.

A vida do professor oscila entre momentos de alta e de baixa. Nos momentos de alta, seu ego é massageado e sua autoestima alimentada. Os momentos de baixa estimulam a reflexão e à tomada de decisões. A cada ano novas turmas e a cada dia novo desafio. Olhar para todos e para cada um, para cada um e para todos. Perceber suas necessidades e descobrir como atendê-las em particular, dentro de um grupo como um todo: está é a dinâmica na profissão docente. (SANTOS 2009,89)

O coordenador deve propor momentos de comunicação e escuta pedagógica entre os professores. Momento no qual o coordenador que trabalha à luz da psicanálise vai estar atento para ouvir de forma sensível a fala dos professores. É através da fala que os afetos podem se manifestar e o coordenador perceber os atos conscientes e inconscientes que permeiam o cenário pedagógico. Um professor que se sente acolhido e sente bem entre os colegas fazendo parte da escola em que trabalha, poderá ter um desempenho melhor, além de aprimorar sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostrou que a comunicação e a escuta pedagógica são instrumentos que podem facilitar o trabalho do coordenador dentro do espaço escolar.

Os dados da pesquisa revelam que os professores reconhecem a importância desses momentos de comunicação e escuta pedagógica entre o coordenador e o professor e afirmaram que criar vínculos afetivos auxilia para o bom andamento do trabalho pedagógico. E que os laços sociais podem ser fortalecidos a partir desses instrumentos que são a comunicação e a escuta pedagógica.

Com base na análise dos dados da pesquisa foi possível investigar como a comunicação e escuta pedagógica pode contribuir para construção dos laços sociais no contexto escolar de uma escola pública do Distrito Federal. E identificar o significado que os docentes atribuem à fala e à escuta sensível dentro contexto escolar e também analisar de que forma o coordenador pode contribuir usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar

Por se tratar de uma pesquisa na área de psicanálise, o objetivo foi apenas analisar e refletir a respeito do contexto escolar de uma escola pública no Distrito Federal. Nos dias de observação, foi possível perceber que a comunicação e a escuta pedagógica são instrumentos essenciais que ajudam no intercâmbio de informações e fazem com que o coordenador atenda ao professor de uma maneira mais eficaz e coerente, pois ouve os seus anseios

A análise, a partir das entrevistas feitas com os professores e coordenadores, permitiu compreender que a função do coordenador dentro do espaço escolar é reconhecida como importante e essencial para desenvolvimento das atividades. À fala e a escuta sensível dentro contexto escolar são fundamentais para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, principalmente porque alguns professores atribuem a função do coordenador como um facilitador, como um elo que faz a ligação entre os alunos, pais e a equipe gestora. E para se esse elo a escuta sensível e a fala vai ajudar no desempenho de sua função.

Fazer uma pesquisa é percorrer um caminho com etapas a serem seguidas. Há os imprevistos, coisas que você não imagina que poderiam acontecer e de repente acontecem e surge a necessidade de mudanças e alterações. Um dos grandes imprevistos dessa pesquisa foi a greve geral dos professores deflagrada em 15 de outubro de 2015. Foi uma greve que durou 28 dias e atrapalhou o desenvolvimento de algumas etapas da pesquisa pois a escola teve que mudar sua rotina e isso acabou fazendo com que a observação e a coleta de dados fugissem um pouco dos prazos estabelecidos dentro do cronograma.

Devido a todo esse contexto não foi possível realizar algumas atividades com os professores e coordenadores, como debates ou mesmo propor a discussão do tema nas reuniões coletivas, restando apenas a observação durante as coordenações pedagógicas e as entrevistas com os professores e coordenadores.

Ao fazer a pesquisa apreendeu-se que divulgar e estudar os conceitos da psicanálise, trazer a psicanálise para discussão dentro do contexto escolar, enriquece a todos os envolvidos e colabora com a ciência no que diz respeito à coordenação pedagógica. No processo escolar, estamos vivendo um momento onde o sofrimento do professor é latente. Uma das maneiras de tentar ajudar esse professor é estudando e discutindo a psicanálise, trazendo suas contribuições para o espaço escolar. O coordenador lida diretamente com esse professor que sofre e ouvir suas angústias e dar sentido à fala do professor que muitas vezes não consegue ser ouvido em momentos de conflito.

O mais significativo da pesquisa é analisar de que forma o coordenador pode contribuir usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar. Já se sabe que tanto a comunicação com a escuta pedagógica são instrumentos de trabalho do psicanalista no consultório. Trazer esses instrumentos para sala de aula, para escola, não é colocar o professor ou o aluno no divã, mas sim fazer um trabalho reflexivo, observando entrelinhas que se inscrevem no discurso do professor. É buscar uma nova postura de um professor orientado por um coordenador que deve atuar não apenas para cumprir com suas atribuições legais, mas que pode ir além, olhando cada professor em sua totalidade e o escutando, para que juntos possam buscar novas soluções para a educação com o aporte da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, E. B. G.; CHRISTOV, L.H.S. Reuniões na escola: Oportunidade de comunicação e saber.In: BRUNO, E.B.G.; ALMEIDA, L.R.de; CHRISTOV,L.H.da S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 52-62

CERQUEIRA, T.C.S.; SOUSA, E.M. Escuta Sensível: O que é? Escuta Sensível em Diferentes Contextos Laborais.In:CERQUEIRA, T.C.S.(org). **(Con)Textos em Escuta Sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.

DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes Pedagógicas da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal** (2015).Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/sobre-a-secretaria/publicacoes-da-sedf.html>>. Acesso em :15 de out. 2015

DISTRITO FEDERAL.**Regimento Escolar da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal** (2015) Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/sobre-a-secretaria/publicacoes-da-sedf.html>>. Acesso em:15 de out. 2015

FREUD, S.**Cinco lições da Psicanálise - 1909**. Rio de Janeiro: Imago, v. XI 1970. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Disponível em: <http://www.geocities.com/psicosaber/psica/cinco_licoos.htm>. Acesso em: 20 de Ago. de 2015.

_____. **O EU E O ID, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)**.Tradução Paulo César de Souza.São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. XVIII. (Obras completas Volume 16).

GARRIDO, E.Espaço de formação continuada para professor coordenador. In: BRUNO, E.B.G.; ALMEIDA, L.R.de; CHRISTOV, L.H.S.(Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 9-15

GUIMARÃES, A.A.; VILLELA, F.C.B.. O professor coordenador e as atividades de início do ano. In: BRUNO, E.B.G.; ALMEIDA, L.R. de; CHRISTOV, L.H.S.(Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 37-54

JORGE, M.A.C.**Fundamentos da Psicanálise - de Freud a Lacan**. Vol.1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KUPFER, M.C. **O Sujeito na Psicanálise e Educação: Bases para Educação Terapêutica**.Educação e Sociedade, 2010: Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/9371/5412>>. Acesso em 8 Nov. de 2015

LAJONQUIÈRE, L.de. **Infância e Ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis: Editora vozes, 1999.

MAURANO, D. **Para que serve a Psicálise?**.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NASIO, J.D. **O prazer de Ler Freud**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____.**Por que repetimos os mesmos erros?** 2º edição. Tradução: André Telles. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2014.

ORNELLAS, M.L.S. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2005.

PAÍN, S. **A função da Ignorância**. São Paulo: Artes Médicas, 1999.

RUBIM, L.M.; BESSET, V.L. **Psicanálise e Educação: Desafios e perspectivas**. Estilos da Clínica, 2007, Vol. XII. São Paulo 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v12n23/v12n23a04.pdf> Acesso em 10 Nov. de 2015

SANTOS, M.I.M. Saberes e sentimentos dos professores. In: BRUNO, E.B.G.; ALMEIDA, L.R.de; CHRISTOV, L.H.S.(Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 89-93.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CRONOGRAMA

22/08 a 30/08	Projeto de pesquisa
31/08 a 26/09	Referencial teórico
27/09 a 11/10	Metodologia
12/10 a 26/10	Elaboração dos instrumentos de coleta de informações
27/10 a 10/11	Coleta de dados e análise de dados
11/11 a 30/11	Conclusões, revisão do texto final da monografia, encadernação espiral e entrega para a banca.
01/12 a 18/12	Elaboração e apresentação do Banner em formato digital ao tutor orientador - Confecção do Banner físico
19/12	Defesa



ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO

- Aspectos referentes aos professores e ao desenvolvimento das atividades de coordenação pedagógica
 - 1) Identificação dos principais momentos de escuta dos professores durante a coordenação coletiva
 - 2) Como o coordenador escuta a fala dos professores
 - 3) Como é a escuta por parte dos professores
 - 4) Observar a postura dos professores
 - 5) Observar a postura do coordenador
 - 6) Analisar como é a relação entre o coordenador e os professores
 - 7) O acolhimento do coordenador diante das situações de conflito
 - 8) Como é o acolhimento dos professores diante das propostas encaminhadas pela coordenação

APÊNDICE 2



Universidade de Brasília

MODELO DE RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

Instituição		
Data:		
Horário:		
Local		
Participantes:		
Momento da coordenação	Coordenador	Professores



ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (PROFESSOR)

- 1) Função na escola:
- 2) Como você se tornou professor?
- 3) Você acha que a função do coordenador é importante? Qual é a função do coordenador pedagógico?
- 4) Você já pensou em ser coordenador? Por quê?
- 5) Na escola em que você trabalha há espaços onde o coordenador possa escutar a fala dos professores? Qual a contribuição da escuta sensível dentro do contexto escolar?
- 6) Você acredita que o coordenador pode contribuir usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar? De que maneira?
- 7) Para você o que significa afeto?
- 8) Criar laços sociais dentro espaço escolar é importantes? Por quê?



ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (COORDENADOR)

- 1) Função na escola:
- 2) Como você se tornou coordenador? A coordenação foi sua opção?
- 3) Qual é a função do coordenador pedagógico? O que atrapalha o desenvolvimento da sua função?
- 4) Sua visão mudou em relação à coordenação pedagógica quando você passou a ser coordenador?
- 5) Como coordenador você consegue promover momentos para sentar e escutar cada professor individualmente?
- 6) Você como coordenador acredita que a escuta sensível melhora a qualidade do trabalho pedagógico? De que maneira?
- 7) Você acredita que o coordenador pode contribuir usando o canal da comunicação e da escuta pedagógica dentro do espaço escolar? De que maneira?
- 8) Para você o que significa afeto?
- 9) Criar laços sociais dentro espaço escolar é importantes? Por quê?

APÊNDICE 5



Universidade de Brasília

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG: _____-SSP-DF, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que fui devidamente esclarecido a respeito do Projeto de Pesquisa versando sobre **O Coordenador pedagógico e a prática de sua função a luz da psicanálise**, orientado pela Profa. Dra. Inês Maria Almeida – UnB/DF e orientadora Profa. Dra. Janaína Mota Trindade – UnB/DF, do Curso de especialização em coordenação pedagógica da Universidade de Brasília, quanto aos seguintes aspectos:

- a) Justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) Garantia de esclarecimento antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, com informação prévia sobre a possibilidade de inclusão em grupo de controle e placebo;
- c) Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;
- d) Garantia de sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assegurando-lhe absoluta privacidade.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora Janaína Luiza Ribeiro de Melo e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Brasília, de _____ de 2015.

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Sujeito Objeto da pesquisa

Nome: _____

RG _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Sexo: M () F ()

Endereço: _____ nº _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Telefone: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para realização desta pesquisa.

Brasília, de de 2015.

Assinatura do Pesquisador
